



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GRAZIELE CRIZOL

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

| |
|---|
| ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE |
|---|

Entrevistada: Grazielle Crizol

Entrevistador: Igor Chagas Monteiro

Local da entrevista: Juiz de Fora

Data da entrevista: 22/04/2014

Processamento da Entrevista: Igor Chagas Monteiro

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 28 páginas

Número da entrevista: E-750

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2016

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

| |
|--|
| O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada. |
|--|

Sumário

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federações e Confederações; Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações; Transição para a aposentadoria; Legado da arbitragem.

Juiz de Fora, 22 de abril de 2014. Entrevista com Grazielle Crizol a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Ao longo da vida, antes de sua atuação como árbitra, você teve contato com alguma prática esportiva?

G.C. - Sim. Eu sempre fui ginasta. Eu sempre estive envolvida no meio do esporte, não é? E quando pequena, com 6, 7 anos eu já comecei a ginástica artística, chamada na época de ginástica olímpica. Então eu sempre fiz ginástica na escola, treinei em clubes também e, virei ginasta na época. Após a ginástica olímpica, quando eu já estava iniciando a carreira acadêmica, não é? Porque eu já tinha certeza que eu queria ser professora de esportes, de algum esporte, eu comecei a me interessar pelo futebol. Então eu sempre tive contato sim com o meio do esporte. Nunca tive dúvidas do que eu queria fazer, não é? Eu queria primeiro ser atleta, depois que a idade avançou, eu queria ser professora, técnica, alguma coisa nesse estilo.

I.M. - Como foi esta experiência da ginástica, para você?

G.C. - Então a ginástica foi um esporte que me abriu muitas portas, foi o meu primeiro contato aqui nos Estados Unidos. Eu fui ginasta, depois que eu fui ginasta, eu continuei treinando, competindo na ginástica e comecei a também dar treinos, como professora das escolinhas. Porque eu era muito nova ainda, não podia ter uma equipe. E eu tive uma oportunidade de vir para os Estados Unidos, também para ministrar aulas de ginástica olímpica, dei treinos em dois clubes. E participei de uma seleção de coaches, não é? De treinadores nos Estados Unidos em 2002, na qual foi escolhida para ser técnica de duas meninas da seleção americana, que estavam na seleção americana. Então, a partir daí, a minha vida profissional mesmo, como *coach* e fiquei por um ano aqui nos Estados Unidos e voltei para o Brasil porque eu tinha que terminar a faculdade. E eu iria perder todos os anos que tinha estudado, somente por isso, não é? Eu optei por voltar para o Brasil porque eu vivia sozinha aqui. Então foi maravilhosa a experiência porque desde o começo da minha vida como coach, como professora, eu sempre tive muita oportunidade, não é? Então para mim foi um pouco fácil. Eu sei histórias de pessoas, de amigas, colegas que

foram bem duras, não é? Eu graças a Deus arrisquei e acabou dando certo. Talvez porque eu acho que eu sempre fui uma pessoa muito corajosa. Eu nunca deixei de fazer nada daquilo que eu sempre quis fazer. Então eu larguei tudo no Brasil e vim embora, para tentar, realmente, na época, ser professora de ginástica olímpica internacional.

I.M. - O que te levou a arbitragem no futebol?

G.C. - Após eu regressar para o Brasil, depois que eu estive nos Estados Unidos por um ano, eu percebi que o Brasil, era muito carente na área em que eu estava trabalhando, que era na ginástica. Então eu fui procurar primeiramente um emprego que me trouxesse estabilidade financeira, um emprego em que eu pudesse viver bem, não é? E o futebol, na época sempre foi, não é? Mas na época, há 10 anos atrás, o esporte era muito forte, o futebol, ele era assim quem trabalhava no futebol ganhava muito melhor do que outros esportes. Então a princípio, eu pensei mais no dinheiro, porque eu não podia mais ficar muitos anos trabalhando com a ginástica artística no Brasil, ganhando pouco. Então eu pensei em entrar no futebol. Só que eu pensei em entrar como preparadora física em algum time e, eu comecei a procurar times. E eu trabalhava na época no Santo André, como professora de ginástica olímpica, então como eu tinha acesso ao clube, eu fui procurar o time do Santo André. E quando eu fui procurar o time do Santo André, que era um sábado, para conversar com o pessoal lá estava tendo um jogo do Santo André. E eu avistei uma árbitra apitando, que era a Sílvia, ela estava lá nesse jogo. Então eu achei bacana, o primeiro contato que eu tive vem da Sílvia Regina, não é? Que é a grande pioneira para mim, é a grande pioneira, representante nossa da arbitragem paulista. Então eu conversei com ela nesse dia, perguntei o que precisava para ser árbitra e ela me deu todas as dicas, me deu as datas, me deu o local e eu fui atrás para saber, não é? Eu acho uma coisa legal e fui tentar, mas eu não tinha tido nenhum contato com a arbitragem. Então eu, um pouquinho diferente das outras árbitras que apitaram e bandeiraram amadores, eu não, eu entrei direto na Federação. Eu fui com a cara e com a coragem. Então eu me inscrevi no curso, então foi isso, eu procurei realmente porque eu precisava de uma estabilidade financeira, não? Porque como eu não conhecia a arbitragem, eu não sabia se era legal ou não. Então eu fui tentar fazer o curso para descobrir isso.

I.M. - Quando você começou a arbitrar?

G.C. - A arbitrar em 2004, quando eu entrei no curso, eu fiquei quatro meses fazendo o curso, e durante o curso que eu iniciei a arbitrar.

I.M. - Onde iniciou a sua atuação na arbitragem?

G.C. - A Federação Paulista tinha na época parceria com o Sindicato dos Árbitros, não é? E o sindicato dos árbitros designava os árbitros que estavam na escola para fazer alguns jogos em clubes. Então foi no Clube Espéria, em São Paulo, se chama clube Espéria. É um clube particular, não é? Então era campeonato interno do clube. Então foi nesses clubes em que eu iniciei realmente a prática, não é? Mas não foi nesses clubes que eu realmente me apaixonei e quis seguir carreira. A minha história de seguir carreira foi em um jogo festivo em que fui assistir, e a árbitra não pode comparecer, a assistente, uma das assistentes. E a árbitra era a Sílvia Regina, e a Sílvia Regina tinha me convidado para assistir a esse jogo, que era um jogo festivo, Legislativo contra Executivo. Era um jogo de políticos no Pacaembu. Só que como eu nunca tinha pego na bandeira, eu fui só para assistir. E a Sílvia me chamou, falou: “Olha Grazielle, desce porque a outra árbitra não pode vir e eu vou precisar que você trabalhe”. E aí eu fiquei desesperada, falei: “Meu Deus, como que eu vou fazer?”, e ela falou: “Olha, eu vou te ajudando. Eu vou indicando com o braço e você vai marcando”. Então foi o meu primeiro contato assim com o público, não era um jogo profissional, mas era um jogo de visibilidade, não é? Então quando a gente adentrou ao Pacaembu, eu estava com a Sílvia Regina, e nossa eu me senti muito segura. Então foi como se eu estivesse em um jogo profissional, porque eu estava em um campo profissional, e com o público, e com pessoas jogando que eu não podia errar. Então foi aí que eu me apaixonei e falei: “Olha, realmente é isso que eu quero! Eu acho que eu vou seguir carreira”.

I.M. - Como foi o processo de envolvimento com a arbitragem?

G.C. - Envolvimento profissional? Ou envolvimento que sentido?

I.M. - Pode colocar em um sentido mais amplo assim, profissional ou até mesmo afetivo.

G.C. - Como eu fui me envolvendo com o futebol assim, em minha opinião como eu te disse, eu não tinha tido contato nenhum, nenhum antes com nenhum árbitro, com nada. Então eu não conhecia o meio, nem o do futebol, muito menos o da arbitragem. Então com o curso eu fui me interessando, e fui começando a assistir aos jogos, às partidas nos estádios, não é? Vivenciar. Então quando eu sabia que tinha algum árbitro que eu conhecia, eu ligava e pedia para ir junto, para poder ver como era a vida do árbitro, como era todo o procedimento. Então eu sempre estive participando muito antes de trabalhar, para poder ver se era realmente aquilo que eu queria. Então eu fiz muita amizade com as meninas, não é? A Sílvia sempre foi a minha grande inspiradora, não é? No começo porque foi ela que deu acho que todas as dicas, a princípio, eu era muito fã também da Ana Paula e da Aline, a Aline Lambert, que para mim, nossa, era meu grande espelho. Ela é da minha região do ABC em São Paulo, então eu fui acompanhando a carreira das outras árbitras e me envolvendo com elas, não é? Tendo amizade com elas para que elas pudessem também me dar toda a ajuda que eu precisava no começo da carreira. Então o meio, a partir do momento em que você vai estudando, você vai sempre estando em contato, fazendo jogos, você vai conhecendo o meio, vai conhecendo os árbitros, vai conhecendo aqueles árbitros de ponta, que a gente chama, que são os árbitros de elite. E é legal porque os árbitros acabam te ajudando também, te dando dicas do que você deve fazer, a que horas deve chegar, que roupa tem que usar antes e após o jogo. Então aos poucos você vai aprendendo, você vai vivenciando, não é? E vai se envolvendo. Eu acho que assim, a partir do momento em que você está disposto, você foca que você quer realmente ser um árbitro profissional, para isso você tem que seguir as regras que a Federação paulista, no caso, impõe ou a CBF. Enfim, então eu fui tentando fazer com que eu andasse no caminho correto, não é? Eu fui pegando dicas daquelas pessoas mais experientes no meio. Óbvio que durante anos a gente bate a cabeça, erra, tem atitudes que não queria ter tido, porque o meio é novo, então ninguém sabe lidar com tudo o que é novo. Hoje, com certeza, se eu iniciasse a carreira de árbitra novamente, como eu estou fazendo aqui nos Estados Unidos, com certeza com a experiência que eu tenho de 10 anos na Federação paulista, vai ser muito mais fácil para mim. Porque eu já tenho uma experiência, eu já sei como que funciona. E quando eu comecei em 2004, há dez anos atrás, eu era muito novata, além de ser nova eu era muito imatura. Então é mais complicado. Então eu acho que o envolvimento é isso mesmo, é você se propor a participar, a estar vivenciando aquilo mesmo que você não esteja escalado. Você tem que participar, você tem que estudar, você

tem que ir às reuniões, você tem que se sindicalizar. Você tem que estar participando tempo todo para você conhecer onde você está trabalhando.

I.M. - Como foi o processo de formação para a atuação na arbitragem?

G.C. - Hoje mudou um pouquinho, não é? Hoje tem alguns anos de estágio, eu não tenho conhecimento se esse ano mudou alguma coisa. Mas assim, na minha época, eu fiz em dois anos, eu estudei dois anos e dois anos praticando. Então a gente foi praticando nas categorias de base, sub-15 e sub-17. Na minha época não tinha sub-11 e sub-13 como tem hoje. Então e já iniciei com jogos um pouquinho mais difíceis. E para mim que não tinha a experiência de várzea, que em minha opinião é importante, então eu tive mais dificuldade na prática. Porque eu sabia bastante teoria, mas a prática, é só vivenciando. Então foi um pouco assustador. Foi um pouco difícil, porque o meu primeiro jogo, por exemplo, no sub-15, que foi em Campinas, a gente tinha a orientação para chegar duas horas antes. E o árbitro passou para me pegar em um ponto que eu tinha combinado com ele, uma hora antes do jogo. E eu estava desesperada, eu chorei, já fui para o jogo com a cabeça quente e o árbitro, como ele era experiente, ele falou: “Ah, não precisa chegar tão cedo! Relaxa!”. Porque para o árbitro, que já estava há muitos anos, ele já não levava aquilo como profissional, não é? E eu não. Eu tinha um outro objetivo na época. Então foi um pouco dramático o meu início, porque eu não sabia muita coisa, a prática é bem diferente da teoria. Os macetes que os jogadores hoje têm em campo e a mesma coisa que os árbitros têm, os que têm experiência. Até você pegar todo o macete, você conseguir ler o jogo, você tem que ter um pouquinho de experiência. Então eu tive que adquirir isso fazendo estágio, e em um campeonato que era um campeonato já valendo, que era o Campeonato Paulista de base, não é? Então eu não podia errar. Então é complicado porque tem muita pressão, então você sofre uma pressão, que não é fácil para quem não está acostumado, mas tem que ser forte. Nada é fácil nessa vida, então se eu tinha escolhido ser árbitra profissional, eu sabia que eu tinha que vencer esta etapa. Então eu tive coragem, mais uma vez eu acho que eu tive coragem e segui em frente, não quis parar não. Eu tinha medo no começo, mas não quis parar, eu sabia o que queria.

I.M. - Como era visto a mulher na arbitragem quando você iniciou sua atuação?

G.C. - Eu creio que para mim foi um pouquinho mais fácil porque já havia as árbitras, a Ana Paula, Aline Lambert e Sílvia. Na época elas já tinham certa visibilidade, não é? Em 2005 eu acho que foi ou 2004, elas tinham feito um paulista que tinha dado muita visibilidade no jogo, jogo do brasileiro. Então a mulher já estava tendo assim um destaque grande do lado positivo, não é? Um destaque assim, de que a mulher era capaz como o homem de exercer a função como árbitra e como assistente. A Sílvia, no caso, como árbitra central e, as duas assistentes Ana Paula e Aline. Então como elas tinham se saído muito bem e eram jogos a nível de conhecimento nacional, então isso foi muito positivo para a gente que estava começando. Porque os jogadores já vinham com uma certa abertura para a gente trabalhar. Eu acho que para mim foi um pouquinho mais fácil isso, porque elas já estavam inseridas no meio e de uma forma positiva, não é? Porque elas faziam muitos jogos na minha época e iam muito bem. A Aline ia muito bem, a Ana Paula também estava começando a ter uma visibilidade boa, então foi positivo. Eu fui muito bem aceita pelos jogadores e pela torcida no começo da arbitragem, mesmo eu não tendo a experiência. Então eu fui adquirindo acho que confiança em mim, porque foram me deixando ter essa confiança. Foram confiando no meu trabalho, porque eu também fui estudando, fui praticando, fui me esforçando para que eu tivesse cada vez menos erros, não é? Porque como o jogador erra, o árbitro também erra, então para diminuir todos os erros, aos pouco que tinha em determinados jogos, eu fui me dedicando para isso. Só que eu tive a ajuda sim, das pessoas, não é? Nessa aceitação, que com certeza a Ana Paula, Aline e a Sílvia passaram um pouquinho mais de dificuldade do que eu.

I.M. - O que descreveria como fatores motivacionais para a sua inserção na arbitragem?

G.C. - Olha, no geral eu não sei te dizer, vou te falar em minha opinião o que foi motivacional. Por mais que no meu primeiro momento eu pensei mais em estabilidade financeira, o que mais me motivou mesmo, foi a minha família, foi o amor ao esporte que eu tinha, então eu queria achar dentro do mundo do esporte, entro do mundo esportivo algo que realmente me interessasse. Então assim, eu tive a ajuda da minha família que achou muito legal, eu tive a ajuda dos meus amigos que acharam super interessante e não viam a hora de me ver na TV (risos), então todo mundo me apoiava e eu tive coragem. Eu acho que a coisa que mais te motiva mesmo a ir é você lutar e ir fazendo os jogos, não é? Porque aí as pessoas vão te reconhecendo, vão te aceitando, vão te elogiando e isso te motiva

muito. A vai te conhecendo, te “glamourando”, isso é muito gostoso. Quando você entra em campo e as pessoas já te chamam pelo nome isso é muito motivante. E como mulheres são poucas, é muito fácil de eles te conhecerem. Em São Paulo nós temos a Série A, ela dividida em três: Série A1, A2 e A3. E as Séries A2 e A3 são no interior, e no interior a cidade inteira vai ao jogo, então é gostoso porque as pessoas acabam te conhecendo, acabam te chamando pelo nome. Então isso é muito motivante, não é? As pessoas vão reconhecendo o seu trabalho. Então isso que é gostoso, você ter esse apoio dessas pessoas que estavam envolvidas diretamente e indiretamente. Ter essa aceitação das pessoas que estavam ao meu redor, e das pessoas que nunca tinham escutado falar de mim, isso me motivou. Retornar a uma cidade na qual eu tinha feito um jogo há um mês atrás, e ser chamada pelo meu nome me trazia tamanha felicidade, me trazia tamanha motivação para continuar.

I.M. - Enfrentou dificuldades quando você iniciou sua atuação?

G.C. - Ah, sim, muitas, muitas. A primeira dificuldade que eu tive realmente foi o medo. Foi realmente confiar no que eu estava fazendo, apesar de saber a regra, eu não sabia a prática, então essa foi a minha pior dificuldade. Foi realmente iniciar e acreditar no meu potencial, essa foi a primeira dificuldade. A segunda dificuldade que eu tive, que eu acho que tive por toda a minha carreira e foi a segunda e a maior de todas, foi o teste físico. O físico para mim apesar de eu ter sido atleta, o teste físico para mim, o da Federação era muito forte. Então eu especificamente, não sei as outras árbitras, mas eu tinha que treinar todos os dias porque se eu não treinasse todos os dias eu não conseguia chegar ao final do ano e passar ou no meio do ano e passar no teste. Então eu tive que me dedicar muito, eu tive que aceitar muito que a minha vida tinha mudado, que a minha vida era igual a do atleta, na qual eu tinha que treinar todo dia, na qual eu tinha que treinar na chuva, na qual eu tinha que treinar no calor, no sol e não tinha tempo, eu tinha que treinar. Era o meu trabalho e era complicado, não é? Porque treinar sozinha também não é fácil. Hoje, com certeza, hoje os árbitros já se reúnem mais, já tem grupos, mas na minha época eu tinha algumas amigas, mas uma morava no interior, a Sílvia trabalhava então só podia treinar em outro horário, então eu não conseguia uma companhia para treinar no começo da carreira. Então eu tive essa dificuldade em regradar, em trabalhar a parte física, que para mim foi e é o mais difícil de tudo, é muito difícil. E outras dificuldades do meio, como dificuldades

assim de convivência com alguns árbitros, isso é normal, porque nem todos os árbitros aceitam a mulher, gostam de trabalhar com mulher, como eu também não adoro trabalhar com todos os árbitros. Tem estilo de árbitro que a gente não gosta, mas a gente tem que entender que tem que trabalhar e fazer o feijão com arroz. E também tem árbitro que não gosta de trabalhar com mulheres, prefere trabalhar com homens. Então essa também era uma outra dificuldade, de entender o jeito de alguns árbitros para conosco, não é? Então algumas coisinhas assim, e coisas que eu fui aprendendo ao longo da carreira, a convivência com os dirigentes de clubes, não se importar com o que a torcida fala se você errar, porque você sendo humana vai errar. Isso no começo da carreira era difícil, depois eu fui me acostumando e fui sabendo que torcedor é torcedor, que cabeça de torcedor é cabeça de torcedor. É difícil, porque ele sempre vai defender o time dele, independente se você está errada ou não, no comecinho eu não sabia disso. Então no comecinho eu achava que eu estava errando o tempo todo, por quê? Porque eu ainda era muito novata, eu não tinha experiência, eu não tinha confiança. Então foram dificuldades assim, nesse estilo, não foi assim “Meu Deus, não tinha dinheiro, nada!”, graças a Deus eu consegui ir trabalhando para conseguir vencer todas essas pequenas dificuldades que eu tive.

I.M. - Você atua como árbitra ou assistente no futebol profissional?

G.C. - Eu nunca tive dúvidas de que queria ser assistente. Eu nunca quis ser árbitra central, nem tentei, eu sempre soube que como eu tinha dificuldade na parte física, eu sempre fui muito lenta, não é? Eu não quis arriscar ser árbitra central não e nem quis me expor para isso.

I.M. - Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF, ASP-FIFA, FIFA ou Federação Estadual)?

G.C. - CBF. CBF. Confederação Brasileira.

I.M. - Em qual delas se encontra atualmente?

G.C. - Então em nenhuma, não é? Porque agora eu estou nos Estados Unidos. Desde 2013 eu larguei a Federação paulista e a CBF também, pedi um afastamento de dois anos porque

eu fui convidada por um clube, o São Caetano, o clube profissional São Caetano, para ser gestora da categoria de base. E eu tive que me ausentar da arbitragem porque nós como árbitros não podemos ter envolvimento com clubes, não é? Trabalhar dentro de um clube e ser árbitro. E eu optei por isso na época, porque eu tinha tido uma lesão no joelho e eu optei então por ser manager e largar a arbitragem. Hoje, desde o ano passado eu ainda me mantive no São Caetano, e eu tive essa oportunidade de vir para os Estados Unidos trabalhar aqui. Só que quando chegou aqui eu fui apitar um jogo no clube em que trabalho e eles me viram, o pessoal da arbitragem aqui me viram trabalhar como árbitra, porque eu estava apitando um amistoso e me convidaram agora para fazer parte da Federação aqui. Então eu ainda estou em processo de inscrição aqui, inclusive hoje eu tenho um meeting aqui. Meeting é uma reunião com os árbitros profissionais aqui nos Estados Unidos. Então eu estou iniciando novamente, talvez, eu não certeza se eu vou querer, mas eu vou tentar iniciar uma carreira aqui nos Estados Unidos como assistente.

I.M. - No futebol profissional, não é?

G.C. - Isso, no futebol profissional.

I.M. - A CBF que você chegou foi CBF Feminina ou foi aquela CBF que podia apitar jogos masculinos também?

G.C. - Na minha época podia fazer tudo, mas eu não fiz. Eu só fiz Campeonato Brasileiro Feminino, em 2012 eu fiz a final do Campeonato Brasileiro Feminino, que esse eu acho que é o maior jogo que eu tenho de lembrança, porque era a final do Brasileiro, não é? Então para mim essa foi a maior alegria, todo árbitro almeja fazer uma final.

I.M. - Qual foi o período em que você arbitrou?

G.C. - De 2004 a 2013 se eu não me engano. Não sei o mês, mas 2013, porque eu fiquei 2 anos no São Caetano. Ou 2012, até ao final de 2012, alguma coisa assim.

I.M. - O que te fez permanecer como árbitra/assistente de futebol?

G.C. - Na época ou agora?

I.M. - Na época.

G.C. - Foi que eu encontrei algo diferente, algo que eu gostava, algo que eu ganhava muito bem. O que eu digo ganhar muito bem, não porque árbitro ganha muito bem, mas porque eu como mulher, eu tinha muita, como que eu posso falar, muita amizade com pessoas de empresas, porque eu tenho uma empresa de “Rentar carros”, não é? Então eu fui começando a fazer jogos de empresas, então eu comecei a ganhar muito dinheiro. Isso hoje, eu considero um dos fatores que me atrapalhou um pouco na arbitragem profissional, porque no meio da minha carreira eu mudei meu foco, comecei a ganhar muito dinheiro, comecei a fazer “jogos festas” de empresas, os quais pagam muito melhor, pagam muito bem e a cobrança é quase zero. Então o que me fez permanecer foi isso, fui fazendo algo que eu realmente vi que gostava, que eu ganhava muito bem, e que eu sempre estava feliz, estava sempre conhecendo pessoas, sempre fazendo o que eu estava almejando fazer. Então foi isso. As oportunidades que foram aparecendo, porque a arbitragem me abriu muitas portas.

I.M. - Depois desse período em que já tinha se inserido no futebol, já tinha se estabelecido no futebol, quais as principais dificuldades que você enfrentou/enfrenta na arbitragem?

G.C. - Ah, foram as que eu já te falei. Depois assim que eu já estava assim atuando no profissional, nas categorias maiores, eu acho que ao longo da carreira, o que foi me atrapalhando muito, fora o que eu já te falei, foi assim eu não poder estar com a minha família, eu não poder programar casamento de amigos meus. Por exemplo, eu tive uma amiga que casou e eu ia ser madrinha, só que eu não queria pedir dispensa da Federação, porque isso não era legal, sabe? Te queima um pouco, porque você pedir dispensa é porque você não quer trabalhar, e aí eu arrisquei e falei :“Ah, eu acho que não vou ser escalada, só vão ter dois jogos na rodada!”. Pois bem, eu fui escalada bem em um dos dois jogos que iriam ter. E eu acabei deixando a minha amiga triste, ela nunca mais falou comigo porque eu não fui ser madrinha do casamento dela. E muitas vezes eu não participei de festas de família, aniversários, não estive em momentos importantes com a minha família, perdi namorado, porque namorado falava “Olha, não dá para você ficar viajando com homem o

tempo todo!”, então nem todo mundo entende, não é? Principalmente o namorado que tem ciúmes porque a maioria das escalas é com homens, são poucas mulheres, é difícil você ir com alguma mulher. Então você viaja às vezes 10 horas, 9 horas com o trio de arbitragem ou um quarteto de arbitragem. Então é isso, é mais o relacionamento, você perder algumas coisas que você gostaria de participar, que só tem no final de semana, e a maioria dos finais de semana você está ocupado. Então eu acho que isso também me atrapalhou um pouco, isso me fez pensar se realmente não estava na hora de parar, não é? De mudar também novamente. Porque há fases da vida em que a gente aceita determinadas coisas, depois você vai pondo valores diferentes, como hoje. Hoje eu tenho 35 anos, então hoje eu já penso bem diferente do que eu pensava quando eu tinha 22, quando em todos os finais de semana eu estava trabalhando. Hoje não, hoje eu já penso que eu preciso de um final de semana para fazer algo com a minha família, uma viagem, não é? Então com a arbitragem eu ganhei algumas coisas, mas eu perdi muitas também, nessa parte que eu te falei agora. Então nem tudo é fácil, não é? (risos).

I.M. - Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

G.C. - Olha, como eu te disse a minha família, ela me incentivou muito quando eu decidi entrar na Federação sem ter tido nenhuma experiência, sem saber o que era aquilo. E meu pai achou legal, porque meu pai, ele é um corintiano roxo e sempre foi torcedor, sempre jogou futebol em clube, então meu pai: “Oh, eu quero que você vire árbitra logo para fazer jogo do Corinthians!”. Então meu pai tinha essa mentalidade, de querer me ver na televisão, e minha família de que eu ficasse conhecida, não é? Que eu ganhasse bem, eles tinham toda uma expectativa em mim. Então isso foi muito bom, a minha família, ela sempre me apoiou. Ela só começou a não gostar depois, quando eles me viram muito ocupada, porque além de fazer os jogos da Federação, que te ocupam quarta-feira, que te ocupam sábado, domingo, às vezes um dia antes e um dia depois porque é longe o lugar, eu também acabei me envolvendo muito em jogos festivos e jogos de empresas, em jogos corporativos. Então eu estive muito tempo ausente, então nisso a minha família já começou a falar: “Olha, você está muito ausente, você não participa das coisas!”, foi isso que era realmente que atrapalhava a família, eu não poder estar com eles muitas vezes.

I.M. - Em quais campeonatos atuou na arbitragem no futebol profissional?

G.C. - Nossa tem um monte de nomes que não lembro mais, porque na minha época mudou, tinha Copa Cultura, eu estou tentando resgatar lá atrás. No Campeonato Paulista, Campeonato Brasileiro, que são os mais fortes assim que eu posso lembrar. Aí temos a Copa Cultura, tem o Campeonato Internacional Feminino, que teve em São Paulo, Copa São Paulo, o que mais que tem? Copa Federação Paulista de Futebol, são várias copas de São Paulo aqui com nomes diferentes que eu não me lembro muito. Mas assim, basicamente o Campeonato Paulista, o Brasileiro Feminino e amistosos, não é? Eu fiz assim alguns amistosos de seleções também, já tinha participado de alguns, basicamente isso. Os campeonatos que a Federação têm. Eu participei de uma Copa FEBEM, que é muito bacana também, para garotos que estão na FEBEM, jogos de cidades, vários campeonatos.

I.M. - Por quais federações e ligas arbitrou?

G.C. - Então como eu te disse eu nunca trabalhei para liga, eu iniciei minha carreira na Federação profissionalmente, e encerrei na Federação, não é? Então eu trabalhei na Federação Paulista de Futebol, que tinha essa parceria com o Sindicato dos Árbitros, o SAFESP. Então somente com eles que eu trabalhava e na ConFederação Brasileira de Futebol, a CBF.

I.M. - Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

G.C. - Uma das pessoas que me deu todo o apoio na época foi o Sérgio do Prado. O Sérgio do Prado, hoje eu não sei em que clube ele está, mas hoje ele é manager, dirigente também de clubes profissionais, não é? Esteve no Palmeiras, esteve na época em que o conheci no Santo André. E como ele também estava no Santo André, ele também me deu as dicas, ele tinha sido árbitro, não é? Me deu o primeiro livro de regras. A Sílvia Regina, que me deu todas as dicas; a Aline Lambert, e durante a minha carreira eu tive uma super amiga, a Tatiane Sacilloti. A Tatiane Sacilloti, a qual considero hoje a melhor árbitra assistente do Brasil, ela é aspirante FIFA, não é? É para mim ela é realmente muito boa assistente, vai ter uma carreira brilhante aí pela frente, e ela me ajudou muito. Porque como ela já tinha experiência, nós entramos juntas no curso, ela me ajudou muito, ela me deu muitas dicas, ela me acompanhou nos jogos, então ela sempre estendeu muito a mão para mim. Teve

jogos em que ela ficava atrás de mim, me dando apoio, me incentivando, falando: “Olha, um pouquinho mais para cá, um pouquinho mais para lá! Se posicione mais para a direita que você está fora da linha do penúltimo homem!”. Então eu acho que assim, se eu tiver que escolher um nome, é a Tatiane Saciloti Camargo. Porque ela foi a grande amiga, o meu grande amigo para que eu também permanecesse, conseguisse também chegar onde eu cheguei.

I.M. - Quais os principais fatos que contribuíram para isso? Por quê?

G.C. - Eu acho que o maior fato que contribuiu para isso foi eu estar disposta a isso. Eu acho que se a gente está disposto, porque não adianta eu querer ser uma árbitra profissional se eu não me empenhar para isso, se eu não escutar as pessoas que querem me ajudar, se eu não for atrás de buscar a melhora na parte física, como eu te disse que eu tinha dificuldade. Não adiantava eu querer ser árbitra profissional se eu não trabalhasse meus pontos fracos, que na época eram ganhar experiência, que na época era treinar a parte física, me manter estudando, então é isso, você se disponibilizar e se esforçar para isso. Você escutar as pessoas que tem experiência, você ter humildade para isso, você aceitar o seu erro, no qual era difícil também para mim no começo da carreira porque eu ficava muito triste, eu chegava em casa às vezes e chorava, porque eu não queria ter errado algo tão bobo. E na época como era rápido, você tem que decidir em três segundos, então às vezes sem experiência você decide errado, com experiência você também incide errar. Então até eu entender que o árbitro é um ser humano, normal como todos nós, foi tempo, teve um tempo para eu ir entendendo alguns fatores psicológicos que o árbitro passa dentro de campo., dentro e fora de campo. Então eu acho que o fator essencial de conseguir ir fazendo carreira, é isso, você se disponibilizar 100% para aquilo que você quer.

I.M. - Você teve algum (a) árbitro (a) como referência para sua atuação? Por quê?

G.C. - Sim. A primeira referencia minha foi a Sílvia Regina, e após a Sílvia Regina, as duas assistentes, não é? A Tatiane Saciloti, que durante a minha carreira foi o meu maior incentivo, porque ela era muito melhor que eu e eu a copiava, queria fazer igual a ela. Então foi isso.

I.M. - Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida profissional?

G.C. - Ah, foi simples porque como eu tenho uma empresa, não é? Então eu podia sair a hora que dava, voltar a hora que dava, eu conseguia conciliar com os jogos. Então eu tive essa facilidade porque por trabalhar para o meu pai, trabalhar para uma empresa da família eu tinha essa facilidade de sair na hora em que eu queria, descansar no dia seguinte após uma viagem longa, então foi basicamente fácil, não é? A única dificuldade que eu tive nesse sentido foi que em alguns jogos da Federação e da CBF você volta à noite, e voltar à noite de São Paulo até a minha cidade em São Caetano, vão aí uns 40 minutos e é perigoso. Então isso é uma dificuldade, essa parte da segurança, para nós que somos mulheres é um pouquinho difícil. Porque nem sempre alguém pode me pegar no aeroporto, às vezes eu tinha que voltar na madrugada, cansada, dirigir cansada, mas fora isso foi tudo bem. Graças a Deus eu não tive muitas dificuldades, um jogo aqui ou outro ali que eu tinha dificuldade de ir ou não achar o campo, dificuldade de encontrar com os árbitros, essas coisas básicas que acontecem, normal. Mas eu não tive grandes dificuldades de conciliar as coisas não porque eu sempre me programei muito, antes de eu ser árbitra profissional, eu estudei muito e me programei para isso. Então eu sempre me programei, eu falava: “Bom, daqui a um ano eu quero chegar até tal lugar!”, então, o que eu preciso fazer para chegar até aqui, eu tenho que treinar, tenho que estudar, eu tenho que dormir cedo, então, eu sempre me programei muito. E é uma coisa não sei se isso é certo ou errado, mas é uma coisa que eu faço muito com a minha vida, eu me programo em tudo. Estar aqui hoje nos Estados Unidos é uma coisa que programei há um ano atrás, sendo manager lá do São Caetano, então eu me programei. Então eu acho que por isso que eu não tenho muitas dificuldades, porque eu consigo programar antes tudo, antes de fazer o que eu quero.

I.M. - Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

G.C. - Ah, foi o que eu já te contei, não é tão fácil porque não são todas as pessoas que entendem. O meio a gente só entende quando a gente está lá dentro. Por isso que os torcedores hoje, existem mesas redondas falando mal dos árbitros, porque ninguém está lá dentro. Seria muito importante se as pessoas que falam de futebol vivenciassem a vida do árbitro, porque não é fácil apitar. Não é fácil decidir em três segundos, não é fácil se a

câmera está só pegando os seus erros e os erros dos jogadores não. Porque o jogador pode errar e o árbitro não? Então assim a dificuldade que eu tive foi essa, as pessoas com quem eu estava, namorados, entenderem que eu tinha jogo com homens, que era homem, eles perguntavam “Mas porque você tem que ir junto?” Aí eu falava: “Não, porque é uma regra! Porque os árbitros tem que chegar juntos! Porque é seguro”. Mas tinha namorado meu, na época, que não entendia. Então a vida pessoal você tenta programar, mas não dá, nem tudo dá porque depende do outro, da opinião do outro. Como dizer para o meu pai: “Olha pai, nessa festa de aniversário sua eu não vou estar presente”? Falar para a sua sobrinha: “Olha, não vou no seu batizado, porque eu tenho jogo!”, aí a pessoa fala: “Não, mas você prefere ir no batizado ou ir ao jogo?” E não é uma questão de escolha, é uma questão de você ser profissional, porque para você ser profissional você tem que cumprir com aquilo que você está fazendo, aquilo que você prometeu, que você se propôs a fazer. Desde o primeiro dia que eu entrei na Federação e me coloquei como uma árbitra profissional, eu tinha que ser profissional, ser uma pessoa profissional. E ser uma pessoa profissional é você não ligar em última hora para a Federação, não deixar de comparecer em um jogo, não chegar atrasada. Óbvio que durante o percurso da minha carreira, tiveram situações que acontecem, quebra um carro e aí você fica desesperada, mas assim eu sempre tentei fazer o meu melhor. E as pessoas nem sempre entendiam aquilo, a importância de eu estar no jogo, para mim, para a Federação, e achavam que eu tinha toda hora que pedir dispensa para fazer alguma coisa com a família, ou alguma coisa com os amigos, com o namorado ou aniversário de namoro. E eu não queria saber se tinha aniversário de namoro, eu tinha que ir para o jogo, depois eu podia ir comemorar, mas antes não. E as pessoas não entendem isso, então essa é uma dificuldade. Assim a arbitragem atrapalha um pouco a vida pessoal se você não tiver a compreensão das pessoas.

I.M. - Quais episódios marcaram a sua carreira na arbitragem até o momento?

G.C. - Positivamente ou negativamente? (risos)

I.M. - Pode trazer positiva e negativamente.

G.C. - Não a gente tem que ser positivo, não é? Porque tudo o que aconteceu de negativo eu aprendi com o que aconteceu. Deixa eu ver, o que seria, algo inesquecível seria mais ou menos essa pergunta?

I.M. - Isso.

G.C. - Ah, realmente a final do Brasileiro, apesar de ser o feminino em que o nível é um pouco menor do que o masculino, todo árbitro quer fazer uma final. E nesse mesmo ano de 2012, se eu não me engano, ou 2011, eu acho que 2012 ou 2011 não sei, eu tenho que checar, eu fiz a final do Campeonato Paulista Feminino e no mesmo ano eu fiz a final do Campeonato Brasileiro. Então esse ano para mim, fechei com chave de ouro porque eu tinha feito as duas finais que eu queria. Então esse foi um ano com jogos marcantes para mim. E estreiar na série A, também foi importante, fazer jogos de times considerados grandes, também tiveram alguns jogos importantes. Eu tenho um jogo assim, que eu considero importante que foi a despedida do Marcos, não é? Do goleiro Marcos do Palmeiras. Em que tinham todos os jogadores que eu era fã, jogadores que agora já pararam a carreira, mas eles foram jogar, foram ex-jogadores, então também foi um jogo marcante, a despedida deste grande goleiro do Palmeiras. Eu fiz também alguns jogos assim, amistosos de seleção, da seleção da Coreia, mas os maiores de todos foram esses, as duas finais aí do brasileiro e do paulista, se eu não me engano, 2011 ou 2012.

I.M. - O que a arbitragem trouxe de positivo para a sua vida?

G.C. - Olha, eu não tenho dúvidas de que a arbitragem melhorou muito a minha pessoa. Eu acho que a maior virtude que eu consegui desenvolver em mim foi a humildade, não é? Porque a gente aprende muita coisa, a gente aprende que a gente não é melhor que ninguém, a gente aprende que a gente também não é pior do que ninguém, a gente aprende a se colocar. A gente aprende a entender porque determinada pessoa fica lá no alambrado gritando, te xingando o tempo todo, a gente aprende que às vezes você não é culpado daquilo que a pessoa está fazendo. Ela está simplesmente gritando porque ela precisa descarregar, então a gente aprende. Eu acho que a maior virtude, fora a humildade também que eu estou te falando, é como diz a palavra? Aí esqueci a palavra, estou pensando em inglês e estou tentando achar em português aqui, estou louca aqui (risos) porque nos

Estados Unidos a gente pensa em inglês, espanhol. A humildade e o autocontrole. Isso foi o que mais eu aprendi. É você ter autocontrole. Se alguém me falar, escreva o que você aprendeu dentro da arbitragem, é autocontrole, não é? É você se fechar no seu mundo trabalhar, você não escutar do que o torcedor está te xingando, não escutar ninguém e ao longo da minha carreira eu aprendi isso, mas foi ao longo. No começo eu escutava jogador, escutava até o cara falando no celular. Por quê? Porque eu não estava ligada, não tinha o autocontrole, ao tinha concentração, não é? E para você ter autocontrole você tem que saber se concentrar, saber focar, se desligar. Então essa foi a maior de todas as palavras, virtudes que eu adquiri dentro da arbitragem, o autocontrole, a humildade, o entendimento. Saber que a gente está ali para fazer o nosso trabalho, a gente não está ali para ajudar, a gente não está ali para prejudicar, a gente está ali simplesmente para trabalhar, para tentar ser um ser humano correto, trabalhar, fazer o seu melhor e ir embora, como o jogador, não é? Eu tive algumas situações com alguns jogadores que falavam: “Meu, por que você fez isso? Você está querendo me prejudicar?” E eu no começo da carreira respondia mal para eles. Depois eu fui não falando, depois eu fui colocando a mão no ombro e falando: “Calma! Você não precisa falar assim! Você não precisa me julgar! Por que eu te prejudicaria?”. Então muitas vezes os jogadores “opa”, não é? Com o meu autocontrole, com a minha calma de responder, de falar, eu tinha um feedback bom deles, um retorno bom ou uma desculpa. Teve muitos jogadores que pediram desculpas. Talvez não na hora do jogo, mas no final do jogo, mesmo perdendo: “Oh Graziele, me desculpa! Desculpa a minha grosseria!”. Isso é muito legal porque eles reconhecem que a gente não está ali para prejudicar ninguém.

I.M. - O que significava para você ser árbitra de futebol profissional no Brasil?

G.C. - Olha, eu sempre quis ser árbitra para me auto-realizar. Porque eu me sentia segura sendo árbitra, eu sempre gostei muito de profissões que tivessem autoridade, profissões que gostam de mandar, por isso que antes de ser árbitra eu fui treinadora. Eu fui professora, mas depois eu virei treinadora e treinadora também manda. Então eu sempre me encantei com profissões assim, polícia, essas profissões assim que tem que ser rígido, não é? E o Brasil é o país do futebol então eu falava: “Meu Deus, será que eu vou conseguir?”, tamanha a responsabilidade. E coloquei isso como um objetivo, então quando eu me tornei árbitra, quando eu fui escalada para o Campeonato Paulista Profissional, eu

peguei a minha escala, sentei no sofá e falei: “Putz! Agora eu cheguei! Agora eu faço para parte realmente do profissional, do maior esporte do mundo, que é o futebol!”. O maior esporte no meu país, então para mim significava uma responsabilidade muito grande, uma dedicação imensa no que eu estava fazendo, uma concentração imensa. Então é mais isso, era a responsabilidade do que eu estava fazendo, porque através do meu trabalho, eu podia positiva ou negativamente, mudar tudo no dia seguinte na minha vida. Porque envolve muitos torcedores, muitas pessoas, imprensa, envolve muita coisa um erro seu ou um acerto seu. De repente você pode se glorificar, mas a palavra é essa, a responsabilidade do que você está fazendo, não era brincadeira. Então é isso que significava tamanha responsabilidade, tamanha alegria de poder ser considerada árbitra, de ter conseguido chegar até ao profissional. Para mim, eu nunca falo: “Olha, eu sou melhor que ninguém!”, porque eu respeito todas as profissões, mas não é fácil você estar no meio de 500 homens e ser entre as 10, na época 8, 10 mulheres trabalhando. Hoje tem mais, graças a Deus. Mas na época apesar de já ter tido algumas árbitras, algumas poucas árbitras, ainda era o começo da inserção das mulheres nos campos, não é? Então apesar de não ser tão comum, a gente tinha essa abertura. Então é isso, é você ter essa oportunidade de trabalhar magnífica, você ser reconhecida como árbitra profissional, você ser respeitada, você ter esse título. Esse título que não é comum, diferente de você falar: “Olha, eu sou professora! Eu sou isso ou eu sou aquilo! Eu sou árbitra!”. Então onde eu falava e aonde eu falo até hoje que eu fui árbitra ou que eu sou árbitra, as pessoas param, querem conversar, querem conhecer, querem saber como, por que, quando? Então isso é legal, as pessoas se interessam muito e acham muito bacana.

I.M. - Você diria que atingiu seus objetivos na arbitragem do futebol?

G.C. - Sim, sim. Porque diferente das minhas colegas eu sempre me programei e eu nunca pensei em FIFA, que é o topo, por causa da minha idade. Então eu fiz um estudo na época em que eu entrei no profissional, de quantos anos eu precisava para cada etapa e o que eu queria de cada etapa da minha vida, para conciliar com a arbitragem. E eu sabia que não iria conseguir chegar a ser FIFA, porque eu tinha outros objetivos, eu queria me mudar para os Estados Unidos, eu queria fazer outras coisas, eu queria ser manager de um clube. Então algumas coisas mudaram no caminho, alguns objetivos que eu tinha. Mas assim, ser FIFA eu nunca quis.

I.M. - Como você percebe o olhar do outro sobre o seu corpo na arbitragem do futebol profissional brasileiro?

G.C. - Como eu percebia o olhar do quê?

I.M. - Do outro.

G.C. - Do outro?

I.M. - É. O olhar das pessoas sobre o seu corpo?

G.C. - Meu corpo físico?

I.M. - É.

G.C. - Normal. Porque assim é a mesma coisa, em qualquer esporte que você vê uma mulher indo para lá e indo para cá as pessoas falam, comentam, não é? No futebol chamam de gostosa, chamam de gorda, chamam de magra, chamam de feia, chama de bonita, depende do que você marcar, te elogiam ou te..., não é? Então, normal. Nunca foi uma coisa assim que eu... As pessoas me perguntam muito, não é? “Ah, porque a Ana Paula saiu na Playboy foi ruim, foi mal? Para mim não mudou nada, eu estava ali trabalhando e sempre falaram, quando eu entro, quando eu saio as pessoas falam. Mas eu já sabia que por tamanha exposição, isso iria acontecer. E se eu engordasse eles iam falar: “Putz! Deu uma engordadinha, hein?” Eu sabia. Então eu sabia que a profissão te expõe muito a essa visibilidade do corpo, e que o corpo é o seu instrumento de trabalho, e se você vai mal ou erra, eles vão falar que você teve algum problema aí, que você engordou, você está assim, você está assado. Mas eu nunca liguei para isso, sinceramente. Eu sabia que quando falassem, ou quando saía alguma coisa escrita, em algum local, elogiando ou falando mal, eu sabia que era por conta de ser mulher e pela exposição demasiada que a mídia, que a mídia, que a imprensa faz em cima da mulher na arbitragem. Eu sabia que era por causa disso.

I.M. - Como você percebe o tratamento da mídia em relação à árbitra de futebol?

G.C. - Olha, a minha opinião é que a mídia ela procura a matérias, procura assuntos que vão trazer visibilidade, que vão trazer interesse das pessoas, no caso dos torcedores. Então às vezes ela bate muito nessa tecla de que mulher na arbitragem é novidade, mulher na arbitragem, feia, bonita, gostosa. Assim, assado. Eu acho que a mídia supervaloriza essa diferença entre mulher e homem na arbitragem. Eu acho que isso é errado, porque muitas árbitras já mostraram que são tão competentes quanto os árbitros. Só que foi o que eu disse, a culpa não é nem da gente, talvez nem da mídia, a mídia precisa de assunto para exercer seu trabalho, e se falar do corpo de um árbitro talvez não tenha a mesma visibilidade, se falar do corpo de uma árbitra, há o interesse, porque a maioria dos torcedores são homens. Então é tudo uma jogada de marketing. Eu só acho que a mídia, ela tinha que ficar mais no lado profissional da árbitra, não no corpo dela, porque a gente não é só um corpo, a gente é um todo, não é? Pode falar do corpo, fala do corpo, mas e a árbitra em si? O trabalho dela, profissional? Quanto tempo ela treinou para estar ali? Eu vejo muitas colegas aí, expostas hoje na mídia, que saem matérias em que o fulano olhou para a perna, só que esquecem de falar o que essa menina treinou, o que essa menina passou, o quanto ela se esforça, quais foram os jogos importantes que ela fez? O que ela faz da vida? Principalmente isso porque nós árbitros temos que ter outra profissão, não dá para você ser só árbitro. Então eu acho que falta isso, valorizar esse lado profissional da mulher, não só a matéria feminina. Nós não somos só um corpo.

I.M. - Em sua visão como são vistos pela mídia os erros de arbitragem cometidos por homens e mulheres? Existe alguma diferença na maneira como são retratados?

G.C. - Muito. Essa eu já passei por isso. Porque eu já tive um jogo que eu errei a mesma coisa, um impedimento que o outro assistente errou e o meu impedimento passou 10 vezes na televisão e o do cara passou uma vez só. Então por quê? Porque foi isso que eu acabei de te dizer a mídia, ela precisa vender e precisa falar alguma coisa que traga uma repercussão grande. Não pode falar que o homem que errou, tem que falar que é a mulher, porque a mulher tem mais visibilidade. Ninguém pode negar que quando entra uma mulher e quando entra um cara no campo, é só você por duas pessoas juntas e fazer duas vezes isso, você vai ver quanto a mulher chama a atenção. Por quê? Porque na torcida a maioria

são homens. Então o esporte é relativamente de homem, então a visibilidade maior é da mulher, para acertou ou para erro, para tudo, não é? Então eu acho que atrapalha um pouco, nós somos iguais, erramos igual, às vezes acertamos até mais ou erramos mais. Às vezes em uma partida a gente vai super bem e mesmo assim eles culpam a gente porque a gente é mulher. E falam: “Ah, é por isso!”, que perdeu e tal porque tinha uma mulher bandeirando. Às vezes o que aconteceu foi lá do outro lado, não foi nem do seu lado. Por quê? Porque para algumas pessoas o sexo frágil é ainda a mulher e isso é errado, não é? A mídia supervaloriza procurar algo que traga audiência. E o que traz audiência infelizmente é algo diferente. E ainda, nós como mulheres, somos consideradas comparando com os homens mais diferentes do que eles. A não ser que seja um erro grotesco de árbitro, de um árbitro homem, mas se um árbitro errar e tiver na bandeira uma mulher, com certeza o lance vai ser supervalorizado para o lado negativo. Porque tinha uma mulher trabalhando junto, por que ela não levantou e essas coisas, não é? Infelizmente a mídia tem que fazer o papel dela também, trazer audiência e para trazer audiência ela usa esses métodos, supervalorizar o erro da mulher que é árbitra, que está exercendo ali o papel como árbitro também está. Mas infelizmente é assim, e nós como árbitras, sabemos disso, sabemos que a exposição é maior.

I.M. - Como é a rotina de treinamentos para atuar no futebol profissional?

G.C. - Dependendo do período da minha carreira eu tive vários tipos de treinamento. Treinei com vários tipos de pessoas, em determinados momentos utilizei nutricionistas, utilizei preparadores físicos, utilizei fisiologistas, utilizei departamento médico. Então assim, como eu te disse eu sou um pouquinho chata, viu (risos)? Eu programei mesmo a minha carreira. Então eu sempre fiz tudo muito assim, detalhadinho, para não sair daquilo que eu tinha programado. Mas era como eu te disse, todos os dias eu tinha que treinar, talvez não a mesma coisa, a corrida, mas todos os dias eu tinha treino. E teve um período da minha carreira, quando eu voltei de lesão que eu treinava na parte da manhã, ia trabalhar às 8 horas, às 5 horas encerrava o meu trabalho e ia treinar a noite. Então eu tive dois períodos de treino, então dependendo da necessidade, eu tinha que mudar esse treino, eu tinha que me esforçar mais, eu tinha que correr mais e dependendo de como eu estava. Por exemplo, quando eu tinha 22 anos eu treinava muito menos do que quando eu fiz 30. Então a idade foi avançando e eu fui tendo que correr atrás do prejuízo, treinar mais, buscar mais

porque a responsabilidade também foi aumentando, a dificuldade também foi aumentando. As lesões foram aumentando, então eu tive que administrar tudo isso. Resumindo, eu sempre treinei muito. Eu sempre me dediquei muito nessa parte física, porque sempre foi a minha grande dificuldade.

I.M. - Você observa diferenças entre o árbitro e a árbitra no futebol? Caso afirmativo, quais diferenças você destacaria?

G.C. - Olha, a única diferença que eu destaco, fora essa perseguição da imprensa, o que é óbvio, que a gente sabe, eu já até te disse a minha opinião sobre o motivo, é a diferença fisiológica, óbvio. O homem fisiologicamente é mais rápido do que a mulher, se não nas Olimpíadas estaríamos competindo na corrida com homens, não é? Sabemos que corremos menos, sabemos que fisiologicamente o homem tem uma estrutura diferente da mulher, porque eu mesma estudei isso na Educação Física. Mas isso não dá o direito das pessoas acharem ou falarem que a mulher não tem a capacidade de exercer a função de árbitra central e árbitra assistente, entendeu? A mulher não precisa correr, ser a mais rápida para ser uma excelente assistente, ela tem que conseguir o índice do teste físico. Se ela conseguir o índice do teste físico, ela está para aquilo. Então mesmo que ela se matar, mas se ela conseguir, se ela conseguiu é porque ela está apta. Como o homem, se o homem passar no teste físico dando risada, tudo bem, ele pode até ser mais rápido, mas ele tem a mesma capacidade da mulher, não é? Porque um jogo eu acho que não é só feito de correr, têm muitas outras coisas, a malícia do jogo, a leitura do jogo, então você não fica só correndo, tem todo um trabalho envolvido. A diferença é essa, fisiologicamente é óbvio que o homem é mais rápido, mas isso não impede que a mulher faça, exerça a função de árbitra assistente, nem de árbitra central, porque eu conheço uma árbitra em São Paulo, a Regildenia, que para mim corre demais, demais. E essa parte mesmo de perseguição da imprensa, de dificuldade, porque o resto, a parte do trabalho em si, profissionalmente, eu acho que a mulher é tão capaz quanto o homem. Não acho que a mulher é melhor em nada nem pior em nada. Óbvio que por ser mulher, tem estudos que dizem que a visibilidade, a amplitude visual da mulher é um pouquinho mais aguçada, um pouquinho do que a do homem, mas isso são estudos. Não sei comparar com um homem, se eu enxergo melhor ou não, eu acho que isso é muito particular. Então é isso eu acho que somente isso, só, é pouca coisa, fisiologicamente e a perseguição mesmo, porque trabalhamos igual aos homens.

I.M. - O que a sua geração de árbitras deixou para as gerações seguintes?

G.C. - Olha, tem que perguntar para essas que chegaram depois (risos). Eu sei te dizer o que as anteriores me deixaram, não é? Mas eu creio, em minha opinião, que a gente subiu mais um degrauzinho da escada, como a Sílvia foi a grande pioneira e abriu essas portas para a gente, eu acho que a gente abriu um pouquinho mais ainda essa porta. Porque quanto mais mulheres tiverem trabalhando, mais mulheres se dedicando, mais mulheres chegando ao profissional, fica mais fácil para as próximas virem. Para as próximas entrarem, para as próximas serem aceitas, não é? E das entidades verem que nós somos capazes também, da visibilidade ser melhor para as mulheres. Então é isso, quanto mais mulheres tiverem trabalhando eu acho que esse mito aí de que a mulher, essa perseguição, de que a mulher é nova no futebol, que isso não é comum aos poucos vai caindo. Por exemplo, eu estou em um país que tem muitas árbitras, só que é porque tem muitos jogos femininos aqui. Talvez ajudaria um pouco se tivessem mais campeonatos femininos, porque aí teria mais interesse das mulheres, teria mais mulheres participando talvez, eu não sei. Eu acho que é isso, a minha turma foi até hoje, a turma que mais entrou mulheres, se eu não me engano, o professor Perassi, que deve saber exato, mas entraram cerca de 40 mulheres no meu curso em 2004. Então foi a maior procura de mulheres para fazer o curso. Infelizmente poucas se formaram, mas foi legal porque o interesse foi da grande quantidade de mulheres. Eu me lembro que na primeira prova que você tinha que fazer, tinham muitas mulheres. Então aos poucos eu acho que vai abrindo mais esse leque, essa porta, essas oportunidades. E eu acho importante, quanto mais mulheres tiverem tendo a oportunidade de trabalhar, melhor vai ser porque a gente vai ter mais oportunidades também, o sexo feminino. E eu espero também que as federações, a CBF, principalmente a CBF, abra mais as portas para as mulheres como árbitra central, não é? Porque eu acho que eles ainda tem muito receio de expor as árbitras.

I.M. - Quando você parou de arbitrar, por quê?

G.C. - É como eu te disse também no começo da entrevista, eu parei porque eu tive uma outra proposta interessante, tão boa quanto a arbitragem, mas muito interessante. E eu tinha tido uma lesão, nessa época, no joelho, tinha tido uma cirurgia. Então eu já tinha

dificuldade estando apta sem a cirurgia, sem a cirurgia já tinha dificuldade na parte física. Após a minha cirurgia, a dificuldade aumentou, então eu tinha que treinar muito, eu tinha que me cuidar muito, então eu comecei a ter muita dificuldade, muitas dores e quando surgiu esse convite, do São Caetano para eu trabalhar na parte administrativa, na qual eu não precisava correr, não precisava ficar em pé, podia cuidar mais da minha saúde, eu aceitei. Então esse fio o grande motivo. Trocar de profissão, mas permanecendo no futebol, que sempre foi a minha grande paixão.

I.M. - Como foi a decisão de parar de arbitrar, foi fácil ou foi difícil?

G.C. - Não, não foi fácil. Eu procurei um psicólogo para me ajudar a aceitar, porque eu não aceitava, eu me sentia derrotada, não é? Porque eu queria ter um joelho novo para correr e eu tentava. No entanto que operei, com 20 dias, sem a permissão do médico eu fui fazer o teste físico, não passei, caí de cara no chão, quase quebrei o nariz assim, foi dramático. Mas por que? Porque psicologicamente eu não aceitava que a minha carreira estava acabando, por conta da minha dificuldade, na época, física. Então foi muito difícil, foi um período assim que eu precisei muito da ajuda da minha família, precisei muito da ajuda da Tatiane, que era minha melhor amiga e é ainda na arbitragem. Então ela foi conversando comigo, ela foi me ajudando a entender que para mim seria a melhor decisão, era parar, que eu continuando no São Caetano, eu ia estar no meio do futebol, que eu não precisava me sentir derrotada, que eu podia continuar, então aos poucos eu fui amadurecendo. Mas eu te confesso, durante aí, um ano, ainda me doía, e eu decidi não assistir mais futebol por um tempo. Porque toda vez que eu olhava eu lembrava de eu apitando, que eu queria estar lá. Então foi muito doloroso eu decidir parar. Eu não aceitava isso porque eu fui forçada a parar por causa do meu joelho, não agüentava correr. Na verdade, graças a Deus eu tive esse convite do São Caetano, mas e se eu não tivesse tido, será que tinha parado? Então até hoje eu me questiono. Então eu não sei, graças a Deus que casou tudo junto, e esse convite fez com que falasse na hora: “Ah, não eu vou!”. Era tudo eu estava precisando para ter esse empurrão para largar, porque eu rebatia. Eu tentava fazer jogo, sabe? Eu treinava todo dia sem poder treinar, porque eu não tinha me recuperado ainda. Porque infelizmente o árbitro se ele se machuca, ele não ganha, ele não faz jogo, ele fica afastado. Então esse é um fator complicado do árbitro entender, não é? Dependendo, uma cirurgia, você tem que ficar muitos meses parado e eu não aceitava isso. Porque eu já tinha me acostumado no meio, eu

já tinha me acostumado com esse tipo de trabalho, de todo dia estar correndo. Imagina você correr todo dia, fazer jogo todo final de semana e de repente você tem que parar e ficar dentro de casa vendo televisão. Óbvio que o árbitro entra em um estado de depressão até ele entender, mas graças a Deus eu não tive depressão, e fiquei muito triste, mas eu tive a ajuda aí de uma super árbitra. E o que eu fiz? Eu aceitei o convite do São Caetano, e eu acompanhava muito a carreira da Tati, quando ela fez a final do Campeonato Brasileiro, quando ela fez a final do Campeonato Paulista, então eu acompanhei muito, então eu vivenciei com ela. Eu estive sempre com ela, então eu me satisfazia com isso, de vê-la trabalhar, vê-la crescer na arbitragem, de vê-la conseguir. Então isso foi preenchendo aquele vazio que quando eu parei, eu tinha.

I.M. - Como foi a transição a partir do momento em que você decidiu parar de arbitrar?

G.C. - Como eu te disse dolorosa, não é? Dolorosa e eu sabia que eu não podia voltar mais atrás porque eu já tinha largado. Mesmo assim, o Coronel Marinho, meu supervisor falava “Olha, se você quiser você pode voltar daqui a dois anos! Até dois anos você pode voltar, pense bem!”. Eu tinha toda essa abertura da Federação se eu quisesse voltar, mas eu já tinha decidido por mim que eu não queria, que realmente já tinha acabado, a não ser que eu tivesse um joelho novo, não é? Na época não tinha como. A minha idade já estava avançando, eu tinha que traçar um outro objetivo dentro do futebol. Então foi muito doloroso para entender, para aceitar. E depois que as coisas foram acontecendo como manager, como gestora, que eu fui criando o meu nome como gestora, que eu fui criando respeito como gestora de um clube, aí foi nascendo um outro prazer. Um outro prazer em ser gestora. Eu comecei a fazer cursos, comecei a ser convidada para dar palestras, comecei a ser convidada a trabalhar em outros clubes, então eu fui sendo reconhecida em outra área do futebol. Isso foi novamente me acendendo a chama, me trazendo de novo a felicidade.

I.M. - O que mudou em sua vida depois de ter parado de arbitrar?

G.C. - Olha, é mais tranquilidade, não é? Você sair na rua tranqüila, ninguém pegar no seu pé (risos). Eu fiquei mais tranquila, fiquei assim com menos responsabilidade. Eu me sentia assim, que sempre ao sair na rua, eu carregava uma mochilinha e, depois que eu larguei a arbitragem eu me sentia sem essa mochilinha. Porque foi o que eu te disse, não é? O futebol mexe com as emoções de todo mundo, é muita gente que ama futebol. A gente está no país do futebol, então todo mundo acompanha futebol. Então todo jogo que você vai fazer todo mundo sabia, todo mundo comenta. Então eu me senti assim mais tranquila, com menos responsabilidade, mais relaxada. Parece assim que eu tirei um peso de mim. Eu não sei se é legal dizer isso, mas eu estou te dizendo, foi o que eu senti. Parece que eu tirei um peso porque eu finalizei a minha carreira com muita dor, que tinha tido uma lesão, meu corpo já não agüentava mais, psicologicamente eu vi que já estava abalada porque eu não conseguia. Porque antes eu tinha dificuldade, mas eu treinava e conseguia, depois da lesão, eu treinava e não conseguia. Então eu fiquei muito abalada emocionalmente. Então a arbitragem após a minha lesão, ela me trouxe um peso muito grande e quando eu decidi parar esse peso sumiu. Aos poucos foi saindo, então eu me senti livre, exatamente me senti livre, me senti normal, me senti leve.

I.M. - Qual foi o principal legado que a arbitragem deixou para a sua vida?

G.C. - Que eu posso conseguir tudo o que eu quero, que posso ir aonde eu quero. Que eu posso fazer o que eu quero, que se eu lutar eu consigo. Então eu acho que o maior legado foi que batalhe, batalhe que você chega lá. Não deixe nada te atrapalhar, porque tudo o que você quiser na sua vida você consegue, de alguma maneira você consegue. Então esse foi o maior legado, a arbitragem me ensinou o quanto eu não sabia da força que existia dentro de mim, o quanto eu sou forte, o quanto eu consigo, o quanto a gente tem que aproveitar as oportunidades. Porque todo dia a gente tem oportunidades de renovar a nossa vida, todo dia. O problema é que a gente espera as coisas acontecerem. Então eu aprendi que eu tinha que buscar a minha própria luz, não buscar a luz dos outros. E durante alguns anos da minha vida, eu busquei sempre a luz do outro. Então eu sempre fiz as coisas que eu nunca gostaria de fazer. Eu sempre estava ali porque eu estava atrás do outro, na luz do outro, fazendo aquilo que o outro queria que eu fizesse e não o que eu realmente amava. Então o maior legado mesmo que a arbitragem me trouxe foi eu me conhecer, de eu ver o meu potencial, de entender que eu sou responsável pela minha própria felicidade, pelo que

almejo na minha vida. Eu acho que se todo mundo pudesse um dia ser árbitro, eu ficaria muito feliz porque a arbitragem, ela te dá uma força gigantesca, uma luz, essa luz que eu estou te dizendo que achei, a minha própria luz. Que todas pessoas deviam sentir isso porque é maravilhoso, porque a gente sente uma força dentro da gente que não há nada que abale a gente. Óbvio, ficamos tristes, não é fácil, como eu estou falando para você, eu moro em uma país que não é o meu, eu estou sozinha aqui, mas a arbitragem me ensinou a ser tão forte que e tão determinada que nada me abala, dificilmente. Eu estou há dos meses aqui e não chorei nenhum dia, há dez, vinte anos eu chorava. Por quê? Porque eu ficava procurando a luz do outro. E hoje não, hoje eu tenho minha própria luz. Então independente de qualquer coisa que aconteça na minha vida eu tenho a minha luz, eu acho um jeitinho de acendê-la, não é? Se eu tiver determinação, se eu tiver calma, se eu respeitar o outro, se eu tiver humildade. Então é isso, é bem simples eu acho. Eu acho que a gente está nessa vida realmente para aprender, para ajudar, para escutar os outros porque isso que a gente está fazendo agora é muito importante. Todo mundo que me escreve eu respondo, eu posso demorar 50 horas, mas eu respondo. Porque às vezes a gente acha que a gente está ajudando o outro, mas a gente está aprendendo com o outro. É muito importante quando eu vejo pessoas que estão fazendo o trabalho que você está fazendo, independente de ser de árbitras, poderia ser de qualquer outra coisa, você está buscando a sua luz, você está porque tem gente que compra trabalho, que inventa qualquer coisa, que faz pesquisa de campo e escreve o que quer fazer, o que está pensando. Eu sei porque eu já fiz isso e eu tenho um monte de amigo que faz isso. Mas e a diferença, não é? Você saber que você está buscando algo para você, que isso vai te agregar alguma coisa na vida. E lá na frente tudo o que você está plantando você vai colher. Eu tenho certeza de que tudo o que eu colhi é porque eu plantei. Não fio fácil, nessa vida nada é fácil, mas é a dica que dou para todo mundo, busque a sua luz. Cada um vai encontrar a sua luz, só que você tem que buscar e não tentar buscar no outro, porque se não você nunca vai chegar a lugar nenhum e nunca vai ser feliz. O maior legado é isso mesmo, É buscar a felicidade (risos).

I.M. - Você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

G.C. - Ah, a não ser que você queira. É só isso tudo que eu já te falei da luz (risos). Eu falo muito disso porque infelizmente a gente está acostumado a que as coisas venham, que

caiam do céu para a gente. O a gente luta pelas coisas de uma forma errada e fala: “Pô, mas eu lutei tanto!” Mas às vezes você não lutou da forma certa porque você está procurando a luz do outro. Então é isso. Eu espero de coração que muitas pessoas façam pesquisas, trabalhos, estudem. Eu falo para muitas árbitras quando me procuram, não precisa ser árbitra profissional, mas aprenda com essa oportunidade, porque a arbitragem pode te ensinar muita coisa. Eu estou aqui nos Estados Unidos por conta da arbitragem. As portas estão se abrindo porque eu lutei aí para ser árbitra. E hoje eu estava em um campo apitando, e de repente surge esta oportunidade de voltar a apitar aqui. De repente, eu não sei o dia de amanhã aqui, de repente eu consigo seguir a minha carreira aqui. Mais tarde, a gente pode até conversar um outro dia, de repente eu viro árbitra aqui. Então a gente nunca sabe o que vai acontecer em nossa vida, não é? Mas a única coisa que a gente tem que fazer é isso, plantar, porque lá na frente alguma coisa boa você vai colher. É isso, basicamente (risos).

[FINAL DA ENTREVISTA]